

COMO BRINCAM  
AS CRIANÇAS COM  
AUTISMO

---

*Conselho Editorial Educação Nacional*

Prof. Dr. Afrânio Mendes Catani – USP  
Prof. Dra. Anita Helena Schlesener – UFPR/UTP  
Prof. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp  
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar  
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp  
Prof. Dr. Lindomar Bonetti – PUC / PR  
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC  
Prof. Dra. Dirce Djanira Pacheco Zan – Unicamp  
Prof. Dra. Maria Eugenia Montes Castanho – PUC / Campinas  
Prof. Dra. Maria Helena Salgado Bagnato – Unicamp  
Prof. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – Unoesc/Unicamp  
Prof. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS  
Prof. Dra. Marilane Wolf Paim – UFFS  
Prof. Dra. Maria do Amparo Borges Ferro – UFPI  
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp  
Prof. Dr. Sidney Reinaldo da Silva – UTP / IFPR  
Prof. Dra. Vera Jacob – UFPA

*Conselho Editorial Educação Internacional*

Prof. Dr. Adrian Ascolani – Universidad Nacional do Rosário  
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Facultad de Ciencias de la Educación/Granada  
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro  
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
Prof. Dra. Maria del Carmen L. López – Facultad de Ciencias de La Educación/Granada  
Prof. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho  
Prof. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján  
Prof. Dra. Silvina Larripa – Universidad Nacional de La Plata  
Prof. Dra. Silvina Gvirtz – Universidad Nacional de La Plata

Maria Angélica da Silva  
Daniele Nunes Henrique Silva

COMO BRINCAM  
AS CRIANÇAS COM  
AUTISMO

MERCADO®  
LETRAS

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Silva, Maria Angélica da

Como brincam as crianças com autismo / Maria Angélica da Silva, Daniele Nunes Henrique Silva. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2019.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-572-1

1. Autismo 2. Brincadeiras infantis 3. Crianças autistas – Desenvolvimento 4. Crianças autistas - Educação 5. Pedagogia  
I. Silva, Daniele Nunes Henrique. II. Título.

19-28855

CDD-371.94

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Crianças autistas : Educação especial 371.94

*capa e gerência editorial:* Vande Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras  
*revisão final* das autoras  
*bibliotecária:* Cibele Maria Dias – CRB-8/9427

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-lettras.com.br](http://www.mercado-de-lettras.com.br)

[livros@mercado-de-lettras.com.br](mailto:livros@mercado-de-lettras.com.br)

1ª edição

**2019**

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução parcial ou total  
sem a autorização prévia do Editor. O infrator  
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*À Maria das Mercês Silva,  
minha mãe querida e companheira;  
a Deus pela vitória, que juntas, temos conquistado e às  
crianças com autismo, protagonistas deste trabalho.*

(Maria Angélica da Silva)

*À Bader Burihan Sawaia– pela parceria  
promotora de afetos alegres*

(Daniele Nunes Henrique Silva)



## SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	9
<i>Sílvia Ester Orrú</i>	
1. O QUE É AUTISMO? .....	15
2. A ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL E O AUTISMO .....	41
3. O DESENVOLVIMENTO INFANTIL, A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA E A CRIANÇA COM AUTISMO .....	59
4. CAMINHOS METODOLÓGICOS: UMA SÍNTESE .....	83
5. A BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA E OS MODOS DE UTILIZAÇÃO DOS BRINQUEDOS .....	91
6. O JOGO DE PAPÉIS NAS BRINCADEIRAS DE FAZ DE CONTA DA CRIANÇA COM AUTISMO .....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	151
REFERÊNCIAS .....	155



## PREFÁCIO

*A situação imaginária de qualquer forma de brinquedo já contém regras de comportamento, embora possa não ser um jogo com regras formais estabelecidas a priori. [...] O que na vida real passa despercebido pela criança torna-se uma regra de comportamento no brinquedo. [...] A criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. [...]. É no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos.*  
(Vygotsky 1994, *A formação social da mente*, pp. 108-113)

O convite para prefaciar esta obra é para mim, um privilégio! Tanto pela generosidade das autoras por me concederem o acesso ao material em primeira mão, antes de sua publicação, como pela oportunidade de expressar algumas ideias acerca de sua temática principal: o brincar de faz de conta da criança com autismo. Às autoras, minha gratidão!

Desde o início de meu envolvimento com estudos e pesquisas acerca da educação de crianças com autismo, tenho percebido o quanto é desafiador o ato de romper com paradigmas teóricos e metodológicos que são conservadores e que se mostram reducionistas do potencial de aprendizagem desses aprendizes, avançando para uma educação que compreenda a diferença como valor humano. Por uma incoerência com os acontecimentos da história da humanidade e com a própria constituição humana, a diferença tem sido entendida como algo negativo e apontada como uma característica pertencente ao outro que se distingue da maioria. Por este pensamento empobrecido e marginalizador, milhares de pessoas já foram amordaçadas, amarradas, violentadas, enclausuradas, encarceradas, exorcizadas, condenadas à fogueira, atiradas de penhascos, banidas de territórios, repudiadas e maltratadas. O slogan “somos todos iguais”, já enunciado como grito de luta a favor da inclusão social de grupos minoritários, ofusca o entendimento de que, na verdade, nunca fomos iguais. Negar a diferença dos seres, é a mais hostil forma de legitimar os mecanismos de exclusão presentes na história e perpetuados pela cultura humana.

No entanto, “queremos pensar a diferença em si mesma e a relação do diferente com o diferente, independentemente das formas da representação que as conduzem ao mesmo e as fazem passar pelo negativo” (Deleuze 1988, p. 8). Pensar a diferença em si mesma e a relação do diferente com o diferente, é compreender e aceitar que somos todos diferentes, somos todos únicos e singulares. É alcançar o entendimento de que o que se repete é apenas o diagnóstico como um instrumento representativo das singularidades do que foi nomeado como Transtorno do Espectro do Autismo, e que este, não define quem é o aprendiz com autismo. É celebrar que pessoas nunca se repetem e que a diferença é o principal atributo da espécie humana.

Encontrar linhas de fuga para romper com paradigmas cristalizados que supervalorizam o diagnóstico que implica no

déficit e na doença, sombreando o indivíduo enquanto pessoa e o coisificando frente à sociedade, é um ato de criação permanente de educadores visionários junto à cultura de uma sociedade de tradição excludente. O ato de fugir, de escapar de um preceito herdado e dominante na sociedade, que subestima e exclui pessoas pela diferença, é a coragem de ir-se e deixar para trás a estabilidade de uma condição e de um domínio já estabelecido, logo, conhecido. Fugir do que se apresenta como estável e estático é o atrevimento de experimentar um novo devir. Essa linha de fuga, diz respeito à ousadia da criação de acontecimentos que possibilitam o entendimento translúcido de que todas as pessoas têm possibilidades e capacidades de aprendizagem, de que o ato de aprender não é imediato e uniforme, tampouco o aprender é somente e, simplistamente, a manifestação da capacidade de repetir o que foi ensinado. É criar condições que favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento do aprendiz com autismo a partir de uma perspectiva teórica descomprometida com a repetição do mesmo para o mesmo. Avante, problematiza o porquê de suplantar métodos centrados no condicionamento do comportamento e se arrisca na reorganização do meio social em prol de uma aprendizagem repleta de sentidos, significados e possibilidades de ressignificação dos significados pelo próprio aprendiz.

Ancorado na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, tendo Vygotsky como seu principal expoente, o livro traz significativa contribuição para a compreensão do desenvolvimento e acerca das questões que circundam o brincar da criança com autismo. Em oposição às práticas de repetição e condicionamento que estão fora de contextos onde as relações sociais são privilegiadas, sobreleva que é por meio da experiência cultural que toda criança se constitui subjetivamente, favorecendo que singularidades biológicas não sejam restritivas, porém que o acesso à cultura suplante dificuldades a potencialidades. E, caminhado ao encontro da diferença como valor humano, elucida que a criança com autismo não é mais e nem

menos desenvolvida que outra sem esta singularidade, não obstante, desenvolve-se de modo distinto. E não apenas isto, mas também aclara que o desenvolvimento entre as próprias crianças com autismo não se dá de forma igualitária, mas segundo a constituição subjetiva de cada uma, pois, já supracitado: as pessoas não se repetem!

O estudo científico exposto na obra, revela que o brincar se encontra presente na vida da criança com autismo e se constitui de relevância fundamental para seu desenvolvimento, uma vez que ele coadjuva na constituição e evolução do psiquismo. Evidencia a importância do papel da linguagem e do investimento pedagógico em dinâmicas relacionais para o processo de constituição do sujeito. A partir da problematização das vivências decorrentes do processo investigativo junto às crianças com autismo, indicia que por meio do brincar, elas transcendem da percepção imediata para níveis mais superiores de seu desenvolvimento. E, não menos importante, coroa o brincar como uma necessidade vital que jamais deve ser privada de qualquer criança.

Destaco como aspecto relevante e muito pertinente aos estudos e pesquisas contemporâneas sobre a aprendizagem e desenvolvimento de crianças com autismo, a abordagem das autoras sobre o brincar de faz de conta da criança com autismo. Fundamentadas em outros estudos já realizados sobre a temática, apontam evidências que essas crianças brincam, apresentam atividade imaginativa e prenunciam a apropriação de papéis, além da emergência de processos sofisticados de desenvolvimento do funcionamento superior. Contribuem para a clareza de que o ato de não brincar da criança com essa singularidade se relaciona à ausência de vivência e acesso aos brinquedos e/ou às brincadeiras, e não meramente, obstantes orgânicos. A este fato está implicada a crença excludente de que são incapazes de brincar, de imaginar, o que resulta em sua privação do lúdico pelos adultos que a rodeiam, conseqüentemente, prejudicam seu desenvolvimento.

Em síntese, esta obra nos traz evidências que nos sugerem uma ruptura paradigmática com a literatura convencional quanto ao entendimento sobre o brincar da criança com autismo e suas possibilidades de aprendizagem. Alerta-nos à demanda de repensarmos as configurações de nossos espaços de aprendizagem e ações pedagógicas, compreendendo que esta criança, em suas distintas singularidades, também tem direito ao acesso e à promoção de estratégias pedagógicas que propiciem, enriqueçam e aperfeiçoem as condições necessárias para o acontecimento do brincar.

Certa de que a mudança de paradigma caminha na Ciência, estejamos vigilantes aos acontecimentos que inquietam e deslocam o conhecimento no pensamento educacional e no surpreendente ato de educar a todos.

Boa leitura!

*Silvia Ester Orrú*  
Universidade de Brasília<sup>1</sup>  
Primavera de 2018.

---

1. Laboratório de Estudos e Pesquisas em Aprendizagem e Inclusão (LEPAI)